

O CRISTÃO E O SEXO

Visão inicial

O cristão deve evitar o sexo pré e pós-matrimonial, bem como as relações sexuais promíscuas ou contra as ordenanças divinas.

Propósito da criação: Masculino e feminino.

O Criador, na primeira narrativa da criação, criou o par humano, macho e fêmea, acompanhando o propósito reprodutivo dos reinos vegetal e animal anteriormente criados. Ao casal Deus transferiu a bênção da reprodução para a adequada perpetuação da espécie. Os indivíduos originais saíram das mãos divinas à semelhança do Criador, ficando com a incumbência de gerarem, via sexualidade, os seus semelhantes: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra”* (Gn 1. 26-28). Homem e mulher, eis a unidade criada, estabelecida e abençoada por Deus com os propósitos de dominação sobre a flora e a fauna, e procriação: *“Multiplicai-vos, enchei a terra”*. Deus quer que o sexo seja o fator de unidade conjugal, a mais interativa comunhão bilateral, a pondo de o casal, e não um dos cônjuges separadamente, ter recebido o nome genérico de Adão: *“Homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados”* (Gn 5. 2). Jesus Cristo, operante mediador da criação (Jo 1. 3), confirma a indissolúvel união de marido e mulher dizendo: *“Desde o princípio da criação Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe [e se unirá à sua mulher], e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne”* (Mc 10. 6-8).

A unidade matriz que Deus criou, mãe das unidades matrimoniais posteriores, foi a de *homem-mulher*. A segunda narrativa da origem da humanidade, em outra linguagem, ressalta, de maneira enfática e maravilhosa, a mesma idéia de absoluta e específica interatividade do par humano, enfatizando que a solidão masculina somente pode ser quebrada pela consorte conjugal, que é da mesmíssima natureza do marido: de sua carne e de seus ossos: *“Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”* (Gn 2.18). *“Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu: tomou uma das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a constela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi formada. Por isso, deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”* (Gn 2. 20- 24).

Os eventos criacionais ensinam-nos, por intermédio de fatos ilustrativos, figurativos, protótipos e radicais o seguinte:

a- O casal humano original, marido e esposa, foi a origem, a causa, a consequência e a sequência da humanidade. Todos os povos que se tornaram sexualmente promíscuos enfraqueceram-se, desorientaram-se, perderam a identidade, tornaram-se vítimas dos individualismos, dos personalismos, das antropopatias: Babilônios, gregos, romanos.

b- A união conjugal era tão profunda que marido e mulher não eram apenas “sócios domésticos”, “uma mini-empresa conjugal de pessoas físicas”, um homem e uma mulher unidos por um contrato de natureza temporária, durando apenas enquanto permaneciam as conveniências, os interesses e os atrativos sexuais, mas uma **unidade** substancial, essencial de tal reciprocidade que as individualidades realizavam-se na biunidade mais natural que ordenatória. Os dois tornaram-se **UM**. A única expressão capaz de conotar e denotar semelhante consubstancialidade foi a emocional, pronunciada num estado de perplexidade sentimental e romântica, pelo “marido primevo” em suas núpcias: “*Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne*”. Em outras palavras: Esta sou eu; eu sou ela; ela é minha; eu sou dela; ela não é sem mim; eu não sou sem ela; ela procedeu de mim, mas as minhas sementes nela frutificarão; Deus a tirou de mim para tirar dela a humanidade.

c- O princípio da unidade conjugal indissolúvel estabelecido na criação deve continuar inalterado nas gerações sucessivas. O divórcio, as separações, legais ou não, as relações sexuais pré e extraconjugais são atos e atitudes contrários à idealidade criacional, à vontade e aos propósitos do Criador e, portanto, pecaminosos. Eis, sobre esta questão, a incisiva, decisiva e autoritativa declaração de Cristo, segundo o registro de Mateus: “*Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio*” (Mt 19. 4- 8). O mundo, posto no maligno, dominado pelo pecado, dirigido pelo espírito atuante nos filhos da desobediência (Ef 2. 2, 3), carnal por natureza, em nada se assemelha ao povo de Deus, constituído de regenerados, herdeiros da promessa. A voz de Deus nas Escrituras é ouvida e obedecida exclusivamente pelos eleitos incluídos na comunhão do corpo de Cristo, a Igreja. Na família da fé que manda, determina, ensina e dirige é o Pai celeste. Na grei do Redentor casamento somente entre *um homem e uma mulher*. A Confissão de Fé de Westminster corretamente, sobre o matrimônio, doutrina:

“O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma esposa, nem à mulher mais de um marido ao mesmo tempo(I Co 7., 2; Mc 10. 6-9; Rm 7. 3; Gn 2. 24)”. **“ O matrimônio foi ordenado para auxílio mútuo de marido e esposa(Gn 2. 18), para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima, e da Igreja por uma semente santa(Mt 2. 15; Gn 9. 1), e para evitar a impureza(I Co 7. 2, 9).”.** Guardem bem: Casamento, no sentido bíblico e teológico, realiza-se no Senhor e exclusivamente entre um homem e uma mulher, e é de caráter indissolúvel, pois os que Deus ajunta o homem não separa, isto é as contingências, as

circunstâncias e a vontade humana não desfazem o que Deus faz. Os contratos matrimoniais efetivados fora do corpo de Cristo celebram acordos e compromissos mútuos nos termos da lei, mas não significam uniões estáveis, permanentes e indissolúveis. O casamento, e não somente acasalamento, é ato divino irrevogável, indestruível e incorruptível. O que o homem ajunta já o faz com pressupostos de separação: a instituição do divórcio, o individualismo e o personalismo modernos, a fragilidade do amor sensual. Não há certeza, nos feitos nupciais humanos, por mais juridicamente perfeito que sejam, de que os cônjuges viverão juntos, um para o outro, em cooperação e fidelidade, até a morte de um deles. A insegurança é tanta, que o aforismo popular passou a ter uma viabilidade indiscutível: *“Casamento é loteria”*. Para os filhos da promessa não é assim, pois *“o que Deus ajunta o homem não separa.”* Nos tempos bíblicos, não havia o instituto civil do casamento: contrato matrimonial assinado e testemunhado. O ligava o noivo à noiva, estabelecendo uma nova e perene unidade familiar, era o primeiro coito nupcial. A prova de que a nubente era virgem, não havia pertencido a homem nenhum, promessa de que a nenhum outro pertenceria, era a marca de sangue da virgem, que ficava no lençol. Os dois estavam, pela primeira relação sexual, inseparavelmente unidos, segundo a vontade de Deus. O sangue do defloramento assinalava a veracidade, a autenticidade e a santidade do pacto matrimonial efetivado na cópula nupcial. Para a Bíblia, o ato sexual estabelece a ***união corporal***, transforma o par conubial em “uma só carne”.

d- O prazer sexual. Deus concedeu ao homem a bênção dos prazeres nas realizações criativas e funções vitais: nas artes, nas criações literárias, na alimentação, na habitação, no turismo. Nenhum prazer, contudo, se iguala ao do sexo. O próprio Deus o recomenda ao casal: *“Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corsa de amores, e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo, e embriaga-te sempre com as suas carícias. Por que, filho meu, andarias cego pela estranha, e abraçarias o peito de outra?(Pv 5.18- 20)”*. A relação sexual, por criação e por ordenação de Deus, além de ser fortíssimo elo interativo, é prazeroso. O que o Criador não quer nem aprova e a fenalização do sexo, “a comercialização do prazer”. Compra-se hoje, pela “lei da oferta e da procura”, no concorridíssimo mercado do herotismo banalizado ou elitizado, o ***prazer sexual***, inclusive à domicílio pelos “garotos” e “garotas” de programa geralmente, “funcionários de empresas heróticas”. Deus não coloca em tais antros pornográficos os seus santos. Os filhos da luz não comungam com os das trevas. E o radicalismo paulino vai mais longe, insta com o filhos de Deus para não se associarem com incrédulos, injustos e iníquos: *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão da luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e o maligno? Ou que união do crente com o incrédulo(II Co 6.14)?”* . E o apóstolo recomenda relações sexuais de mútua concordância e que os cônjuges evitem abstinência, por o intercuro de copulação coital é uma exigência orgânica de cada parceiro, possibilitando momentos de profundos afetos, carícias a aprofundamento do nexos conjugal: *“Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente a esposa a esposa ao marido(I Co 7. 1- 3).”* *“Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à*

*oração e novamente vos ajudardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência(I Co 7. 5).”. A Bíblia, portanto, considera o sexo um dom de Deus aos homens, e espera que os regenerados o exerçam, com prazer e responsabilidade, dentro da instituição divina, o casamento. A primeira mulher a conceber e dar à luz um filho foi Eva, e ela não sentiu nenhuma imundícia do ato sexual que possibilitou a concepção de Caim. Pelo contrário, entendeu que era graciosa ação divina: “Então disse: *adquiri um varão com o auxílio do Senhor*”(Gn 4. 1). O mesmo sentimento teve em relação a Sete(Gn 4.25).*

MONOGAMIA: CRIAÇÃO E APROVAÇÃO DE DEUS

Poligamia: pecado da raça eleita.

Israel praticou a poligamia: um marido para mais de uma mulher. Não se registra, contudo, poliandria: uma mulher para mais de um marido. O fato de se encontrarem poligâmicos nas Escrituras(Abraão, Davi, Salomão) não justifica e nem autoriza tal prática na Igreja cristã, pois a poligamia surgiu como resultado da pecaminosidade humana, jamais por criação, instituição e aprovação de Deus. Nem tudo que a Bíblia registra é matéria de fé e de moral, embora pertença ao conjunto histórico da revelação. Ela pinta um retrato sem retoque do ser humano espiritualmente enfermo, incapaz de fazer a vontade do Redentor. Se tomássemos o lado negativo dos filhos do pacto, autorizados estaríamos à prática do divórcio(que Cristo condenou), da mentira, do incesto, da prostituição, do assassinato, porque lá se encontram: as mentiras de Abraão e de Rebeca(Gn 12. 11-13 e Gn 27), o incesto de Ló(Gn 19. 30ss), a prostituição de Judá(Gn 38. 13ss), a traição e o assassinato de Urias cometidos por Davi(II Sm 11. 1ss). Os pecados documentados nas Santas Escrituras revelam, por um lado, as fraquezas e os delitos do homem caído, mesmo pertencendo à raça eleita e, por outro, a tolerante misericórdia de Deus na educação, por instrução e por disciplina, do povo que culminaria no Remanescente fiel e sem pecado, nosso Senhor Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, o novo Israel. A ele o Pai manda ouvir(Mc 9. 7).

Monogamia: ideal de Israel e da Igreja

O casamento, como instituição divina, é monogâmico. Deus não criou duas mulheres para Adão nem dois homens para Eva. Casamento, segundo os propósitos do Criador, não é um conjunto multiunitário, mas biunitário: esposo e esposa, sendo os dois(não mais de dois) “uma só carne”(Gn 2. 24 cf 1. 27). A monogamia da criação recebe confirmação e aprovação indiscutíveis de Jesus Cristo: “*Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém, uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem*”(Mt 19. 4- 6). O filho de Deus segue e pratica o que o seu Pai celeste ensina e ordena. O procedimento de irmão nosso, por mais respeitável que seja, em desacordo com as Escrituras, não pode ser imitado e muito menos tomado como padrão confessional ou ético. Admiramos e respeitamos Abraão, Jacó, Davi e Salomão, mas rejeitamos seus erros, repudiamos seus pecados, inclusive o da poligamia.

Marido- mulher: Cristo- Igreja

O “casamento no Senhor”, estrita união entre um homem e uma mulher, é, aos olhos de Deus e de sua Igreja, de uma nobreza inigualável, pois o símbolo prático, o tipo concreto e o modelo existencial da união indissolúvel de Cristo(esposo) e a

Igreja(esposa). Cada casamento de um santo(separado) com uma santa(separada) efetuado na Igreja, segundo o seu ritual, reconstrói e rememora, memorativamente, o “casamento do Noivo, Jesus Cristo, com a noiva, a Igreja, que se tornou imaculada em virtude das núpcias com o Cordeiro sem pecado. O simbolismo, porém, não se restringe ao cerimonial: continua, aprofunda-se, aperfeiçoa-se, na convivência doméstica, na reprodução, criação e educação dos filhos, na projeção da imagem consorcial perenizada e sublimada nos compartilhamentos mútuos e na interdependência. Como na união de Cristo com sua Igreja abre-se campo ideal para o exercício do amor, da compreensão, do perdão da serviçalidade e da “reprodução de filhos para Deus em Cristo Jesus”, assim também, e em termos idênticos, deve ser o casamento monogâmico dos servos de Cristo. Os cônjuges cristãos, verdadeiramente eleitos, não destroem a imagem que o camento estabelece; antes a constroem dia a dia até poderem dizer com o irmão Paulo: Combatemos o bom combate, acabamos a carreira, guardamos a fé. Sobre a extraordinária imagem do “casamento: Cristo- Igreja”, passemos a palavra ao inigualável Paulo: *Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou a ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palçavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga,, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à sua Igreja”(Ef 5. 24- 32). A Igreja que “transa” com outros divindades é infiel ao Esposo, adúltera e prostituta. Cristo, o Marido fiel, nunca deu e nem dará motivos para traição da esposa. A relação *marido-mulher* inspira-se e se molda na de *Cristo-Igreja* que, por ser indissolúvel, estabelece indissolubilidade para o casamento cristão, seu tipo simbólico e imagem figurativa.*

O adultério

Por causa da natureza monogâmica do casamento e de seu paralelo com o relacionamento de Deus com seu povo, o adultério era inadmissível; representava um cisma na unidade ideal criada e realizada por Deus e uma infidelidade profundamente ofensiva ao cônjuge ao instituidor do casamento, Javé. A proibição inconcessiva do adultério consta do sétimo mandamento sinaítico: “*Não adulterarás*”(Ex 20. 14). Os motivos pelos quais o adultério era proibido no Velho Testamento permanecem no Novo, ainda mais acentuado por Cristo, abrangendo a intenção adúltera oculta: “*Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela*”(Mt 5.27, 28). Todo o rigor veto e neotestamentário baseia-se na preocupação do Criador de preservar o casamento monogâmico, pois a sua destruição causaria danos irreparáveis: desaparecimento da insubstituível figura da Igreja; transformação da Igreja em um simples público religioso constituído de individualidades psicologicamente inseguras; esfacelamento do ninho doméstico onde os filhos são amparados, criados, formados e preparados para a vida; fim do amor conjugal estável, permanente, livre dos males circunstanciais, dos

individualismos e das concupiscências; degeneração e morte da célula máter da sociedade em geral e da Igrejas em particular; proscricção dos velhos, dos feios e dos sexualmente incobiçáveis. Onde o casamento desaparece, o lar converte-se em dormitório e o leito conjugal se transforma em simples alcova de prazeres despidos de respeito, consideração e amor real ao cõnjuge. O mundo, sexualmente liberal e permissivo, caminha para o caos social e moral, mas a Igreja, povo eleito de Cristo, será preservada, ainda que seja num diminuto remanescente. Em resumo: Deus não permite e não deixa seus verdadeiros filhos adulterarem, isto é, serem infiéis, imundos, traidores. O adúltero contumaz é filho da perdição, não da graça, estando sob juízo de Deus: ***Digno de honra entre todods seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros***(Hb 13. 4).

A fornicção e prostituição

Os descompromissados matrimonialmente, tanto as pessoas solteiras, como as divorciadas e as viúvas, estão sob forte tentação e podem ser induzidos ou conduzidos à fornicção: relação sexual sem compromisso matrimonial com o parceiro diante de Deus, mas não deixando de ser um tipo de *casamento ilegítimo*, concupiscente, a que os escritos sagrados chamam de **fornicção**(*porneía*), **prostituição**(*akatharsía*), **impureza**(*aselgeia*: *“As obras da carne são conhecidas, e são: prostituição(porneía), impureza(akatharsía), lascívia(aselgieía)...”*(Gl 5.19 cf I Co 6. 18). A Palavra de Deus considera *fornicção* qualquer ato sexual fora da união conjugal monogâmica. Não se trata, pois, de simplesmente “*transar*” ou “*ficar com*”, mas se tornar “um”, corporalizar-se por meio da interação sexual com a pessoa com quem se fornicca. O servo de Deus, casado ou não, templo do Espírito Santo, não pode tornar-se “uma só carne” com uma prostituta; o mesma vale para a servas, estas, pré-figuras, se solteiras e virgens, ou figuras, se casadas monogamicamente, da Igreja, noiva de Cristo. Eis o que, sobre a prostituição, nos ensina o apóstolo Paulo: *“O corpo não é para a impureza, mas para o Senhor e o Senhor para o corpo. Deus ressuscitou ao Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não saibais que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela?(negrito nosso) Porque, como se diz, serão os dois uma só carne(negrito nosso). Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vossos corpo”* (I Co 6. 13b- 20).

A **prostituição** é mais grave e incomparavelmente mais degradante que a fornicção, por se tratar de “mercado sexual”, de venalização do corpo, de banalização do sexo. A sociedade moderna é complacente com a prostituição de adultos, havendo reação benéfica contra a infantil, mas não o suficiente para impedi-la. Os prostitutos e as prostitutas são entrevistados na mídia, onde se apresentam ostensivamente como “profissionais do sexo”, dizendo ser um “trabalho honesto”, uma “profissão como outra qualquer”, bastante rendosa. A fornicção, e mais degradantemente a prostituição, representam terrível aviltamento do ser humano, criado para ser “imagem e semelhança

de Deus”. O Salvador deseja que os salvos não se corrompam sexualmente: *“Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um saiba possuir o próprio corpo, em santificação e honra, não com desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus”*(I Ts 4. 3-5). A prostituição cúltica era terminantemente proibida: *“Das filhas de Israel não haverá quem se prostitua no serviço do templo, nem dos filhos de Israel haverá quem o faça. Não traráis salário de prostituição nem preço de sodomia(bestialidade) `casa do Senhor teu Deus por qualquer voto; porque uma e outra coisa são igualmente abomináveis ao Senhor teu Deus”*(Dt 23. 17, 18).

Na sociedade permissiva e carnal tudo se tolera e quase tudo se justifica para felicidade, alegria, prazer e glória do ego. No corpo de Cristo, a Igreja, pratica-se o que Deus permite; repudia-se o que ele condena para que o culto ao Salvador seja realmente sincero, santo, prestado em espírito e em verdade. Assim, na pessoa de cada membro, a esposa de Cristo apresenta-se ao mundo vestida de noiva, gloriosa, casta e imaculada.

Aos santos da comunidade da fé, para que se evite a prostituição, Paulo recomenda o casamento monogômico e indissolúvel: *“Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido”*(I Co 7.2). *“Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado”*(I Co 7. 9). *“Aos casais ordeno, não eu mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido(se, pooirém, ela vier a separar-se, que, que não se case, ou que se reconcilie com o seu marido; e que o marido não se aparte de sua mulher”*(I Co 7. 10, 11).

Os costumes carnis da sociedade vão sendo lentamente transformados em normas sociais para depois serem convertidos em leis. Para o crente a Bíblia é a sua única regra de fé e norma de comportamento. Compete à Igreja a cristianização do mundo, a moralização da sociedade; corrompe-se quando se deixa mundanizar, o que, por fraqueza, frequentemente acontece, mas Deus preserva sempre um remanescente fiel.

HOMOSSEXUALISMO

A Igreja aceita o homossexual, possível vítima de:

- A- Educação inadequada nos primeiros anos de vida. Desvio de formação.
- B- Traumas na infância e na adolescência por desajustes familiares.
- C- Convívio formador com uma sociedade permissiva, sem fronteiras entre o moral e o imoral, entre o decente e o concupiscente, entre o carnal e o espiritual. O indivíduo se corrompe, até por assimilação inconsciente, ao permanecer no meio corruptor, especialmente se padecer de fragilidade de personal e influenciabilidade de caráter.

D- Problema genético por inversão dos genes determinantes do sexo, havendo possibilidade de fenotípi masculina com genotípi feminina e vice versa. O defeito ou desvio genético causa, segundo muitos sexólogos, mudança na estrutura cerebral: homem com cérebro feminino, mulher com cérebro masculino.

E- O animal possui o instinto reprodutor ou energia reprodutora. O homem, além de condicionar o impulso reprodutor pela racionalidade, possui um fortíssimo elemento de origem hormonal: a libido, que atua no sistema mental, fixando e fortalecendo os psiquismos: masculino, no homem e feminino, na mulher, determinantes da heterossexualidade. Quando a libido atua fortemente no psiquismo feminino do homem, gera nele preferência homossexual. Quando atua predominantemente no psiquismo

masculino da mulher, produz nela atração pelo mesmo sexo(*). Quando a libido dinamiza intermitentemente, na mesma pessoa, os psiquismos masculinos e femininos, ela se torna, alternativamente, bissexual. Quando a libido predomina condicionadamente no psiquismo oposto, não predominante, surge a *transexuaidade*, a incapacidade de assumir o sexo aparente. Muitos transexuais “mudam de sexo” por cirurgia, exteriorizando o sexo genético ou fixando, social e fisicamente, o psiquismo da libido predominante. O homossexualismo, portanto, teria como causa a inversão dos psiquismos sexuais predominantes por ação deslocada da libido.

O homossexual pode externar ou não a homossexualidade, praticar ou não o homossexualismo. Há muitos que jamais se relacionaram sexualmente com parceiros do mesmo sexo. O fenótipo nem sempre determina homossexualidade. Ela pode permanecer, se a sua causa for genética, mas o homossexualismo é evitável ou “curável” por “decisiva vontade própria” e por regeneração. Os exemplos são numerosos e auspiciosos.

As Escrituras condenam a prática homossexual: “*Com homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação*”(Lv 18. 22).

CASAMENTO DE HOMOSSEXUAIS

A Igreja, que toma a Bíblia como sua regra de fé e norma de conduta, não pode aceitar o “casamento homossexual”. Dizem que não se trata de “matrimônio” entre pessoas do mesmo sexo, mas simplesmente de uma “união estável”, de um “contrato social” entre indivíduos sexualmente semelhantes, gerando “direitos e garantias legais” de transferência de seguros e de herança de bens móveis e monetários em caso de falecimento de um “sócio(a)”. A separação ou distrato, consensual ou litigiosa, também traria consequências jurídicas. O “contrato de parceria”, que se pretende instituir legalmente, é, na verdade, um “casamento” disfarçado, pois o alvo é legitimar o conúbio homossexual em que um dos parceiros(as) “funciona” como sexo oposto. Se isto vier a acontecer, será a falência de um cristianismo nominalmente majoritário. Tal “casamento homossexual” não terá, cremos, nenhuma aceitação, nem qualquer penetração, nos meios autenticamente evangélicos. A sociedade pode legitimar o pecado, mas a Igreja de Cristo jamais reconhecerá ou adotará semelhante legitimação. Nero, a Besta apocalíptica rediviva, casou-se homossexualmente duas vezes: a primeira como macho, a segunda como fêmea. Estas aberrações firmemente combatidas pelos apóstolos estão voltando. Nero ressucita. O povo, porém, continua o mesmo: católico e apostólico, fiel a Deus o obediente à sua Palavra revelada nas Escrituras. Entre nós, os cristãos sinceros e verdadeiros, não haverá semelhantes e abomináveis aberrações. “Pai, santificado seja o teu nome!”

ABERRAÇÕES SEXUAIS

A homossexualidade deve merecer a atenção profilática e terapêutica da Igreja tanto para evitar o homossexualismo como para reverter o quadro dos que o praticam, vítimas de distorções culturais, sociais e educacionais, de distúrbios psíquicos da libido e de desvios genéticos na sexualidade. As aberrações sexuais, no entanto, são absolutamente injustificáveis, deploráveis, abomináveis e incompatíveis com a ética cristã, com a dignidade e a honra dos regenerados. Eis algumas das **aberrações**:

Topoinversão: prática sexual fora das genitálias ou uso indevido dos órgãos sexuais como: Sexo oral(felação e cunilíngua), sexo anal e outros.

Sodomia: Homossexualismo, ativo e passivo; e bestialismo; sadismo e sadomasoquismo

Triolismo: Prática sexual a três: dois homens- uma mulher; duas mulheres-um homem.

Sadismo: Prazer pelo sofrimento do parceiro(a). Este termo vem do nome do Marquês de Sade (170- 1818). Ele afirmava que a volúpia sexual intensifica-se sob estado de posse e dominação. O dominante sente prazer e gozo no sofrimento do dominado, imobilizado, mordido, beliscado e espancamento. O sadismo tem sido denominado também de *algolagnia ativa*(Grego: algo= dor; lagnia= dardância) e flagelantismo: auto ou heteroflagelação. É uma herança do sexo sagrado do paganismo.

Masoquismo(*algolagnia passiva*): Prazer em ser dominado sexualmente, ser submetido a sofrimentos físicos pelo dominador sexual.

Sadomasoquismo: Portador de sadismo e masoquismo: receber e produzir sofrimento durante o ato sexual.

Necrofia: Atração sexual por cadáveres. O necrófilo é, sem dúvida, um psicopata.

Zoofilia: Prática sexual com animais, especialmente cães domésticos. A zoofilia tem sido causa de muitas doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDs.

Pedofilia: Preferência sexual por crianças. A pedofilia foi prática comum no mundo Greco-romano, e entre povos primitivos como os de Guiné e os das ilhas da Melanésia(ver Spencer, Colin, em “Homossexualidade”, Ed. Record, RJ, 1995).

As aberrações sexuais desqualificam, aviltam e degradam o ser humano, ofendem o Criador e desrespeitam, de maneira frontal e recalcitrante, as Escrituras Sagradas, destinadas à condução, disciplina e salvação dos homens.

A BÍBLIA CONDENA OS DESVIOS E AS ABERRAÇÕES SEXUAIS

A Palavra de Deus, absolutamente autoritativa e normativa para os cristãos, condena veementemente os desvirtuamentos e as aberrações sexuais:

O travestismo: “*A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à da mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor teu Deus*”(Dt 22.5). Aqui não se trata simplesmente da proibição de indumentária unisex, mesmo porque, neste período do história, a vestimenta masculina pouca diferença tinha da feminina; o mandamento procurava evitar a confusão dos sexos, o homossexualismo expresso não somente nos trejeitos efeminados ou masculinizados mas, e principalmente, no travestismo, muito popular no antigo Egito. Homens, especialmente jovens, que serviam de mulheres para outros, “atraíam” seus clientes, usando trajes femininos. Fica igualmente impedido o lesbianismo, embora não se tenha registros claros de homossexualidade feminina no mundo circundante e nas civilizações que influenciaram a cultura israelita.

Zoofilia: *Nem te deitarás com animal, para te contaminares com ele, nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele: é confusão*”(Lv 18. 23 cf Ex 22. 19). A zoofilia era comum no mundo antigo(Lv 18. 24, 27), mas aberrava a natureza humana e os desígnios de Deus. Segundo os autores de “Sexo com Responsabilidade”: “É também comum a manifestação do bestialismo(zoofilia) em que mulheres buscam, através de cães pequenos, a masturbação vulvar”(Obra citada, pág. 254, § 950). Longe de nós tais podridões morais.

Outras aberrações: *“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente, Amém. Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro”* (Rm 1.22- 27).

Paulo, no texto transcrito, mostra que a matriz de todos os pecados, inclusive os sexuais, é o *adultério espiritual consciente*: rebeldia contra Deus, desobediência, irreverência, desrespeito, idolatria, carnalidade, egocentrismo. Ele faz um retrato da sociedade mundana de sua época que, sem retoque, é a imagem quase perfeita da atual. Esperamos que a Igreja de hoje seja idêntica à de seu tempo: fiel a Cristo, firme na fé e na doutrina, norteadas pelas Escrituras, irmanada pela graça, unida pelo amor, conduzida pelo Espírito, consagrada ao Redentor.

A sociedade grego-romana estava podre: Sócrates e Platão, dentre outros, praticavam aberta e escandalosamente a *pedofilia* (Barclay, William, em “As Obras da Carne e o Fruto do Espírito”, Ed. Vida Nova, 1985, SP, pág. 27/28). Os imperadores, a maioria, eram sexualmente corruptos. Nero casou-se com seu escravo castrado Esporo para quem servia de homem. Depois, casou-se com o liberto Daríforo, para quem servia de mulher. Júlio César era amante passivo(exoleti) de Nicomedes, rei da Bitínia. Foi um bissexual popularíssimo. Dele se dizia: “ Mulher de todos os homens; homem de todas as mulheres” (omnium virorum mulier, omnium mulierum virum). Calígula foi imundo pedofilista(Spencer, Colin, Homossexualidade, Ed. Record, pág. 72/73).

CONCLUSÕES:

01- O sexo é criação divina e deve ser instrumento de sua glorificação. O seu alvo é a procriação; a sua força é a união do casal monogâmico; o seu meio é o prazer sexual incomparável e inigualável. Nenhum prazer fisiológico, psicológico e sociológico a ele se iguala. Tudo, porém, está sendo destruído pelo homem: **Filhos:** os que não são abandonados ou relegados à segunda plana das prioridades conjugais e profissionais, são indesejados, descartados, doados, abandonados ou abortados. **União conjugal:** os lares estão sendo desfeitos, homens e mulheres estão optando pela prostituição; multiplicam-se os divórcios; proliferam as mães solteiras; aumentam os filhos bastardos; tornam-se numerosos os adolescentes revoltados. **Prazer:** Banalizam, venalizam, herotizam, carnalizam e corrompem o sexo, tornando-o inatural, concupiscente, lascivo e bestializado.

02- O casamento é instituição divina, monogâmica e indissolúvel: a união entre um homem e uma mulher com os objetivos: Amarem-se e se respeitarem; ajudarem-se e se protegerem; procriarem, criarem, educarem e manterem seus filhos; proverem-lhes o futuro; darem-lhes segurança social, moral, psicológica e espiritual por meio da unidade, dignidade, santidade, moralidade e espiritualidade do lar: primeiro ninho, aconchego,

depois catapulta dos filhos. Casamento dos filhos de Deus é o Pai que os faz: fá-los bem feitos e para sempre: “O que Deus ajunta o homem não separa”.

03- Nenhuma instituição é mais honrada e mais revestida de simbolismo e mais destinada à indissolubilidade que o casamento monogâmico realizado no Senhor: pois o próprio Deus o tomou como signo e tipo da união entre Cristo e sua Igreja em que o marido representa, tipologicamente, o Filho de Deus, e esposa, a sua Igreja por ele preservada, santificada e gloriificada. Destruir o casamento de dois servos de Cristo é um ato de simonia, de quebra de voto, um pecado contra o Senhor.

04- No casamento, noivo e noiva tornam-se uma só carne, igualam-se não somente perante a Igreja, diante da sociedade, mas, e principalmente, aos olhos do Pai celeste que os criou e os ajuntou em matrimônio, eles que continuam na unidade igualitária do corpo de Cristo: *Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto: nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus*” (Gl 3. 28).

05- Rejeitamos e até repudiamos os “casamentos homossexuais”, as tais de “uniões estáveis” juridicamente estabelecidas de pessoas do mesmo sexo em que uma ocupa o indevido lugar de “mulher” e a outra o de “marido”. Semelhantes ajuntamentos ou sociedades legais objetivam legitimar o homossexualismo e formar supostos “lares” emanados da concupiscência. A Palavra de Deus, que seus filhos ouvem, respeitam e seguem, considera o homossexualismo uma terrível abominação ao Senhor, prevendo a perdição para os “casais” homossexuais e para todos os praticantes de aberrações heróricas: *“Não vos enganais: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus”* (I Co 6. 9).

06- Como pais espirituais, aconselhamos os nossos filhos, jovens e adolescentes,